

# 1

## Introdução

Se fosse possível resumir as intenções desse trabalho, diria que foi construído a partir da articulação do seguinte tripé temático: juventude, movimento social e mídia. A presumível relação entre os campos de problematização moral dos jovens e a mídia vem sendo estudada há longo tempo pelo grupo de pesquisa do Departamento de Educação da PUC-Rio, do qual faço parte e que é coordenado pela professora Maria Aparecida C. Mamede-Neves. Acrescentar, pela ocasião do mestrado, o movimento social como condição para a definição de um objeto de estudo me ofereceu a possibilidade de pesquisar essa relação do jovem com a mídia, a partir de uma outra perspectiva. A ENECOS – Executiva Nacional dos Estudantes de Comunicação – contém os elementos necessários para tal.

Isso porque a entidade, que se apresenta como representativa dos estudantes do curso de Comunicação Social, vem sendo parceira do Movimento Nacional pela Democratização da Comunicação desde os seus primórdios, em 1997. Atualmente, os estudantes ligados a ENECOS têm organizado as Semanas Nacionais pela Democratização da Comunicação (em 2005 fora a terceira edição), por acreditarem que:

*“Não há nação democrática, sem haver também democracia na maneira como essa nação se comunica.(...)Mas democratizar a comunicação vai além de quebrar o oligopólio das elites sobre a mídia. Ela deve ter como premissa o direito à comunicação, que não é só o direito ao acesso, mas também à produção e mediação de discursos sociais. (...)O momento é muito propício para essa mudança.(...) É a hora e vez da participação da sociedade. E a atuação dos estudantes de comunicação neste contexto se faz imprescindível. Isso por que nossa formação acadêmica nos permitiu uma visão menos superficial da comunicação contemporânea e, principalmente, por que em breve seremos nós os responsáveis por ela. É por isso que a ENECOS dá tanta importância a luta pela Democratização da Comunicação.” (<http://www.ENECOS.org.br>, acessado em 20/11/2004)*

O que me propus, então, foi realizar um estudo sobre os jovens universitários que fazem parte da ENECOS, enfatizando a Regional Rio, principalmente no que concerne à sua relação com o Movimento pela Democratização da Comunicação (MDC). Na verdade, a ENECOS, que é nacional, possui três coordenações: a Geral, a de Comunicação e a de Finanças.

Além dessas, são distribuídas coordenadorias de acordo com a demanda obtida nas diferentes regiões brasileiras. A região sudeste, por exemplo, está atualmente contemplada por três coordenadorias, como mostra o quadro abaixo:

| <b>Sudeste</b><br><b>(SE) 1</b> | <b>SE</b><br><b>2</b> | <b>SE</b><br><b>3</b>  | <b>Norte</b>   | <b>Centro-<br/>Oeste</b> | <b>Sul</b>       | <b>Nordeste</b><br><b>(NE) 1</b> | <b>NE</b><br><b>2</b> | <b>NE3</b>     |
|---------------------------------|-----------------------|------------------------|----------------|--------------------------|------------------|----------------------------------|-----------------------|----------------|
| <b>SP</b>                       | <b>RJ</b>             | <b>MG</b><br><b>ES</b> | PA<br>TO<br>AM | GO                       | SC<br>POA<br>RGS | BA<br>CE<br>AL                   | PE<br>PB<br>RN        | PI<br>CE<br>MA |

Embora tenha definido como proposta principal acompanhar o trabalho da Regional Rio no que diz respeito ao Movimento pela Democratização da Comunicação (MDC), é importante deixar claro que as formas como esses estudantes se organizam, debatem e propõem ações não ficaram dissociadas ao meu olhar. Mais do que – ou concomitantemente a um estudo - sobre a relação desse grupo com a mídia, o que propus foi, principalmente, um estudo sobre jovens. Acredito que, ao colocar foco em organizações juvenis que estejam ocupando o espaço público com o intuito de difundirem idéias e sensibilizarem a população sobre a democratização da comunicação seja uma forma de colocar mais fermento nessa receita para problematizar a questão da juventude na contemporaneidade.

Desse modo, esta dissertação se teceu tendo como objetivo central analisar a forma como foram sendo construídas as concepções de mídia trazidas pelos jovens universitários ligados a ENECOS que apóiam o Movimento Nacional pela Democratização da Comunicação. Desdobrados do objetivo central, constituíram objetivos específicos: verificar as motivações e os entraves que os estudantes encontravam para a participação no movimento estudantil no período em que se realizou a pesquisa; registrar e analisar as práticas/táticas adotadas pela Regional Rio para o alcance dos objetivos propostos pela ENECOS; analisar a forma com que a Regional Rio e o GT (grupo de trabalho) Democratização da Comunicação utilizavam as listas de discussão virtuais.

## 1.1

### Ampliando as razões

Opto por estudar jovens ligados a um movimento estudantil porque, concordando com Reguillo (2000), embora na década de 80 os jovens tenham sido rotulados como desmobilizados pelo consumo e pelas drogas, a partir da década de 90, os mesmos passam a ser pensados como sujeitos com capacidade de mobilização, de atuarem como agentes sociais, tendo o papel ativo reconhecido na capacidade de negociar com instituições e estruturas. Encontro em Abramo mais um estímulo para privilegiar o estudo de jovens ‘engajados’, pois:

*“ (...) os jovens só estão relacionados ao tema da cidadania enquanto privação e mote de denúncia e nunca – ou quase nunca – como sujeitos capazes de participar dos processos de definição, invenção e negociação de direitos”*  
(Abramo, 1997:28)

Sabe-se que a participação juvenil é minoritária no nosso país. Como divulgado por Spósito (2003) dentre 34,1 milhões de jovens (Censo 2000), apenas 4% dos jovens brasileiros participam ativamente de movimentos estudantis. De qualquer forma, concordo com Abramo (1998) quando diz que, embora os fenômenos de participação não sejam tão numerosos, podem ser bastante significativos, merecendo, assim serem estudados. Colocar foco em jovens que têm sido capazes de interpelar a sociedade através de suas ações coletivas é uma forma de refutar a idéia de que não têm sido capazes de gerar projetos alternativos, modelos de contraposição e propostas de mudança.

Para Abramo (idem), urge aumentar a capacidade de expressão pública das organizações juvenis para que alcancem os seguintes pontos: a) meios próprios de comunicação; b) realização de eventos; c) introdução de voz nos meios de comunicação; d) ampliar debate/intervenção na opinião pública; e) avaliação periódica; f) organização local, nacional, internacional; g) fóruns.

Assim sendo, penso que estudar a ENECOS me permitiu analisar os pontos acima, pois todas as atividades e abordagens citadas são contempladas pelo grupo. Por outro lado, estudar um movimento juvenil pressupõe entender a educação não apenas como um sistema institucional de ensino, mas, como defende Carrano (2003), como práticas culturais engendradas pelas redes relacionais que se efetivam nos diferentes lugares da cidade. O autor trabalha com uma ampliação da noção do processo educativo, pois ultrapassa fronteiras

disciplinares - as usuais separadoras das noções de educação e cultura - reconhecendo ocultos estruturantes que escapam à institucionalização:

*“A ampliação da noção de educação para o conjunto de práticas sociais significa o reconhecimento da multiplicidade de fatores que concorrem para a formação das identidades, ou se quisermos, das múltiplas identidades que se configuram para os sujeitos nos processos de sociação<sup>1</sup> em determinado momento histórico” (Carrano, 2003:15)*

Para Reguillo, existem modos de agregação e interação juvenil, cada qual com sua especificidade. Falar em ‘grupo’, ‘coletivo’, ‘movimento juvenil’ e ‘identidades juvenis’ é fazer referência a um conjunto próprio de características. No caso dos estudantes da ENECOS, concordando com a autora, considero-os fazendo parte de um ‘movimento juvenil’, pois está suposta *“a presença de um conflito e de um objeto social em disputa que convoca os atores juvenis ao espaço público com caráter tático, podendo implicar a aliança de diversos coletivos ou grupos”*. (2000:54)

Logo, estudar um grupo universitário que pensa a mídia e propõe alternativas intervencionistas para chamar atenção da população ocupando o espaço público parece-me ser um tema de interesse para educadores. Além disso, ao eleger como um dos objetivos principais a investigação sobre a forma com que os jovens constroem suas concepções de mídia, estou partindo do princípio que esses estudantes construíram representações sobre a mídia muito particulares, não comumente incitadas pelas estruturas institucionais da escola. Sendo assim, como vêm sendo construídas as concepções de mídia por esses jovens universitários que apóiam o MDC? Elas são anteriores à entrada na universidade ou passam a ser trabalhadas no interior das disciplinas de formação de comunicadores sociais?

Finalmente, considero que, para captar a expressão de movimentos juvenis, será de grande valia levar em conta as indicações de Reguillo (2000): estudar como os jovens experimentam o poder; como formulam projetos; quais são suas formas de gestão; as formas de inclusão dos seus membros as estratégias de ‘recrutamento’; as interações com outras organizações no plano horizontal (com outros movimentos sociais) e vertical (com o Estado e instituições governamentais).

---

<sup>1</sup> Sociação, segundo Simmel (1983) *“é a forma (realizada de incontáveis maneiras diferentes) pela qual os indivíduos se agrupam em unidades que satisfazem seus interesses”*.